



INSTRVMENTA
INSCRIPTA VIII

Plumbum litteratum
Studia epigraphica
Giovanni Mennella oblata

a cura di
Giulia Baratta

SCIENZE E LETTERE



Institut
d'Estudis
Catalans



UNIVERSITAT DE
BARCELONA

Questo volume è stato pubblicato con il contributo della Secció
Històrico-arqueològica dell'Institut d'Estudis Catalans e della Facultat
de Filologia i Comunicació dell'Universitat de Barcelona

In copertina: Dettaglio di un lingotto di piombo del Museo Arqueológico Municipal
de Cartagena, foto e cortesia Miguel M. Camino

© 2021 Scienze e Lettere S.r.l.
Via Alessandro Malladra, 33 – 00157 Roma
Tel. 0039/06/4817656 – Fax 0039/06/48912574
e-mail: info@scienzelettere.com
www.scienzelettere.com

ISBN 978-88-6687-191-0

Peso de chumbo epigrafado do Sabugal

*José d'Encarnação**, *Marcos Osório***

I. Circunstâncias de achado

A peça singular que damos a conhecer encontrava-se guardada entre o espólio arqueológico que pertenceu ao falecido padre José Miguel Pereira, residente no Soito (Sabugal).

Junto a ela estavam expostos, no seu antigo escritório, diversos outros artefactos de carácter etnográfico, arqueológico e geológico.

Este acervo foi parcialmente doado ao Museu Municipal do Sabugal pelos seus familiares, em Outubro de 2006, mas somente o peso de chumbo se encontra actualmente patente na sua exposição permanente, com o n.º de inventário (Arq).D.27.367.

A sua proveniência é desconhecida; sabemos, contudo, que o reverendo exerceu anteriormente o seu serviço nas paróquias do Meimão e da Meimoa (Penamacor), onde recolheu e donde publicou, em colaboração, materiais de cronologia romana descobertos em sítios arqueológicos dessas freguesias¹. Não há, porém, nessas publicações, designadamente na que assinou com o grande entusiasta pelo passado de Meimão, o saudoso Mário Pires Bento, qualquer referência à peça que nos ocupa, ou porque daí não proviera ou por ainda não ter chegado ao seu conhecimento.

O povoamento romano destas terras da bacia da ribeira da Meimoa é sobejamente conhecido pela qualidade dos achados e das estações arqueológicas, onde se destaca a referência epigráfica à existência de um *vicus*² e as

* Universidade de Coimbra.

** Câmara Municipal do Sabugal.

¹ Ver, por exemplo: D.P. BRANDÃO, J.M. PEREIRA, «Ara dedicada a Júpiter do Vale da Senhora da Póvoa – Penamacor», em *Studiym Generale* 9, 1962, pp. 310-312; J.M. PEREIRA, M.P. BENTO, «Alguns achados arqueológicos de Meimão (Beira Baixa)», em *XV Congreso Nacional de Arqueologia (Lugo, 1977)*, Zaragoza 1979, pp. 605-612.

² M.P. BENTO, «Epigrafia meimoense – um rito e três problemas», em *Trebaruna* 1, 1981, pp. 5-8; P.C. CARVALHO, «O templo romano de Nossa Senhora das Cabeças (Orjais, Covilhã) e a sua integração num território rural», em *Conimbriga* 42, 2003, pp. 153-182.

explorações mineiras auríferas do Covão do Urso e da Presa, onde possivelmente esteve sediada uma guarnição militar romana³.

Por conseguinte, parece mais verosímil que este artefacto possa ter sido encontrado algures no concelho do Sabugal (distrito da Guarda), onde o prior passou os últimos anos da sua vida, pois temos conhecimento de que era frequente alguns devotos da região, que sentiam veneração pelo pároco, conhecendo o seu gosto por antiguidades, oferecerem-lhe minerais de formas ou texturas singulares, assim como achados arqueológicos.

Torna-se, pois, impossível obter, neste momento, qualquer pista sobre a sua procedência. Por outro lado, o facto de se tratar de um achado descontextualizado, embora lhe não retire importância em si, impede, como é óbvio, que o seu estudo seja tão exaustivo como se desejaria. De facto, o Pe. Miguel não teve ocasião de deixar informação acerca do achado; desta sorte, a cronologia e a tipologia do assentamento arqueológico onde a peça teria sido recolhida poderiam dar pistas mais específicas sobre a sua funcionalidade. De resto, se apontássemos para uma datação romana, outra dificuldade se encontraria: é que, na envolvência da localidade do Soito, não abundam vestígios da ocupação romana nem se conhecem sítios com significativa importância⁴.

A peça já foi anteriormente publicada no catálogo do museu do Sabugal, juntamente com outros dois pesos de chumbo provenientes da freguesia da Moita, concelho do Sabugal⁵. Estas duas outras peças, emprestadas pelo Museu Nacional Machado de Castro (Coimbra), são, pela sua morfologia e pela anilha de suspensão de ferro no topo, bastante semelhantes à que apresentamos aqui. Os objectos metálicos foram classificados por essa instituição museológica como “pesos de prumo”. Contudo, neste caso, não se entende que o artefacto de chumbo com a epígrafe inscrita tenha sido empregado com esta simples funcionalidade.

II. Descrição

Peso de chumbo, discóide, com anilha de suspensão de ferro no topo (fig. 1).

Apresenta quase toda a superfície desgastada, corroída e oxidada. Ostenta lateralmente uma inscrição, abarcando cerca de metade da pança da

³ F.J. SANCHEZ-PALENCIA, L.C. PÉREZ GARCÍA, «Minería romana de oro en las cuencas de los ríos Erges/Erjas y Bazagueda: La zona minera de Penamacor-Meimoa», em *Lusitanos e Romanos no Nordeste da Lusitânia. Actas das II Jornadas de Património da Beira Interior – Guarda, Outubro de 2004*, Guarda 2005, p. 285, nota 2.

⁴ M. OSÓRIO, *O Povoamento Romano do Alto Côa*, Guarda 2006, p. 124.

⁵ M. OSÓRIO, *Museu do Sabugal. Catálogo arqueológico*, Sabugal 2008, p. 88, n.º 123.



Fig. 1

peça, sendo o tamanho das letras suficiente para chegar do topo à base do peso. A gravação foi feita com o chumbo ainda ‘fresco’, por meio de um estilete metálico afiado e com goiva, produzindo um rasgo que chega a atingir cerca de 3 mm de fundura.

Dimensões (em cm): diâmetro – 4,5; altura – 3 (3,5 com a argola).

Peso: 336,1 g.

III. Leitura

ME XI

Altura das letras: ME: 1,1; X: 1,5; I: 1,7.

IV. Comentário paleográfico

Texto (figs. 2 e 3) em bom estado de conservação, gravado ao longo da pança. Caracteres actuários, regulares.

M de pernas exteriores tendencialmente verticais; primeiro gravou-se a da esquerda, fundamente, com goiva; depois a da direita, na medida em que se nos afigura claro que foi o rasgar da perna interior esquerda, também profunda e, depois, o da direita, que terá provocado o estreitamento da superfície, ainda não ‘consolidada’, da perna exterior da direita, na sua porção inferior. Note-se que o vértice das hastes internas se localiza não ao nível da base, mas a meio da altura.

Os danos provocados no momento da gravação da letra que interpretámos como E podem suscitar dúvidas (fig. 4). Será um C de traços rectos?



Fig. 2

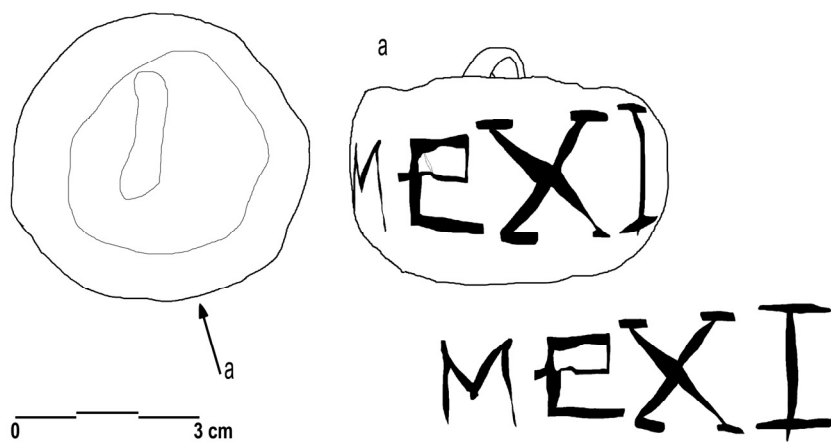


Fig. 3



Fig. 4



Fig. 5

Creemos que não, pois é bem nítida a barra central, que parece até ter-se prolongado para fora da letra; a barra inferior, maior do que as demais e de rasgo fundo feito com goiva ou estilete rombo, não toca na haste vertical; houve também dificuldade na gravação da barra média, porque o chumbo, na gravação, deu de si e não resultou clara a ligação com a haste vertical. X gravado nitidamente em bisel, simétrico na forma e de serifas bem evidenciadas, como, aliás, acontece com o I, cujas serifas podem até considerar-se de tamanho exagerado (fig. 5).

V. Interpretação

Como se assinalou, o módulo das letras não é igual, o que nos leva a pensar que devemos interpretar XI, nitidamente maior, como um numeral, sendo, por conseguinte, ME uma abreviatura. Ocorreu-nos, de imediato, algo como ME(*nsura*). Sucede, porém, que não padece contestação a identificação da peça como um peso (*pondus*) e, nesse caso, ME não pode ser *mensura*, palavra que aponta, naturalmente, para medida linear e não como ponderal. O peso é de 336,1 g, que se aproxima da libra romana, a que se atribui o valor de 327,456 g.

Tendo sido incisa em momento imediatamente anterior à solidificação do chumbo, leva-nos a supor que foi feita com o objectivo de marcar algo relativo à utilização da própria peça. Seria uma medida ou um valor estipulado para o uso deste objecto na função que lhe era prevista, ou seria um peso de chumbo utilizado por militares ou por agrimensores?

Chegados a este ponto do nosso raciocínio, voltámos atrás, à análise paleográfica. De facto, se XI se aceitaria normalmente em contexto romano – o que, de per si, também não é novidade, pois encontramos essas letras assim ao longo dos séculos – já o M, com o vértice intermédio a meio da altura não é claramente de época romana (o M romano está ao nível dos vértices inferiores das hastes laterais) e, por outro lado, também as hastes laterais são bem verticais e, aqui, como se disse, são apenas tendencialmente verticais. Por outro lado, também o E de barras desiguais não segue os parâmetros romanos.

Como também se desconhece o contexto arqueológico do achamento, a nossa hipótese vai, pois, no sentido de não atribuir a peça à época romana, embora – devido ao desconhecimento do significado da abreviatura ME – não tenhamos, por enquanto, qualquer proposta cronológica verosímil, muito por culpa da inexistência de paralelos conhecidos.

É estranho que não tenham sido recolhidos mais exemplares semelhantes a este quer atribuíveis à época romana ou a períodos posteriores, o que nos deixa supor que podemos estar perante um artefacto raro e com uma utilização muito específica. Esse, de resto, o motivo principal que nos levou a apresentá-lo – a fim de, com o tempo e a sua divulgação, venham a encontrar-se exemplares a ele assimiláveis e em contexto cronológico e espacial definido. Até lá, fica a informação.

Resumo: Dá-se a conhecer um peso de chumbo, guardado no Museu Municipal do Sabugal, que ostenta a inscrição ME XI, cujo significado se desconhece. Integrou a colecção de antiguidades de um pároco local e pode, por isso, ter sido encontrado no território desse concelho do Sabugal (distrito da Guarda). O facto de não haver informação acerca do seu contexto arqueológico original e a aparente inexistência de *pondera* com estas características levaram-nos a fazer a sua publicação, a fim de poderem vir a colher-se testemunhos semelhantes passíveis de nos fornecer adequada informação acerca da sua primitiva funcionalidade.

Palavras-chave: Nordeste da Lusitânia, Sabugal, *pondus*, artefactos de chumbo.

Abstract: A plumbeous *pondus* of the Municipal Museum of Sabugal (district of Guarda, Portugal) is published in this essay. We don't know the meaning of his inscription: ME XI; and we also don't know his original archaeological context, because the *pondus* was in the antiquities' collection of the local priest, that didn't publish it. So, our intention is to show the *pondus* to have the eventual possibility of finding something similar.

Keywords: Northeast of Lusitania, Sabugal, *pondus*, plumbeous artifacts.